

Editorial

Fernanda Arno
Gustavo Pontes

Esta edição da **Revista Santa Catarina em História** procura dar continuidade a proposta de inserção de estudos de acadêmicos/as da disciplina de História de Santa Catarina da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, ministrada pela Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff durante o primeiro semestre de 2013. Durante este período, acompanhamos o processo de elaboração, orientação e avaliação dos estudos enquanto estagiários/docentes. Além destes, continuamos contemplando artigos e estudos de fluxo contínuo.

Na seção **Artigos**, 4 trabalhos contribuem para novos olhares sobre temas da historiografia catarinense. Isabella Cristina de Souza em “‘Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic’: sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic”, através de fotografias e de relatos orais de antigos frequentadores do Café, reflete sobre as características desse estabelecimento, a forma como este se relaciona com o espaço citadino e a própria prática de ir a um café. Discute também as transformações físicas desta cafeteria e como ela pode ter influenciado nas relações sociais que se constituíram em seu espaço.

Já Margarita Barretto em “Parla! A história que os monumentos de Florianópolis contam”, analisa os 38 monumentos da cidade de Florianópolis, tratou-se de um estudo exploratório descritivo com pesquisa bibliográfica, hemerográfica (aqui incluída a internet) e de campo com registro fotográfico e posterior análise de discurso, compreendendo como os monumentos comunicam a história da cidade e de que forma eles podem ser lidos como documentos.

Douglas Satirio Rocha, em “O MST no Oeste de Santa Catarina e sua atuação através da imprensa escrita local (1985 – 1989)”, analisa, através do jornal Diário da Manhã, de Chapecó-SC, a atuação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) no oeste de Santa Catarina entre os anos de 1985 e 1989. Discute elementos que compõem o cenário de surgimento e atuação do movimento, com destaque a sua participação social e política, incorporando a luta pela terra como parte constituinte do que hoje conhecemos como oeste catarinense.

Dayanne schetz em “Política(s) de nacionalização e integralismo em Antônio Carlos: abasileiramento?” procura compreender de que forma se deram a(s) Política(s) de Nacionalização e Ação Integralista Brasileira na cidade de Antônio Carlos. Busca-se entender como estas questões foram percebidas pelas pessoas que vivenciaram, de alguma forma, esse momento e de que maneira



as influências do Estado Novo e do período um pouco anterior a ele, puderam ser sentidas em um local tão próximo geograficamente da capital, Florianópolis.

Na sessão **Estudos**, o número de contribuições sobe para 8, com as mais variadas temáticas. Mariana Ferreira em “Antoine de Saint-Exupéry e os moradores do Campeche: a história de uma amizade ou de um equívoco?” aborda, através de entrevistas orais, a relação existente entre o aviador e escritor Antoine de Saint-Exupéry e os moradores do bairro Campeche, em Florianópolis à época do antigo campo de pouso da Companhia Geral Aerpostal que havia no local nas décadas de 1920 e 1930.

Já Lucas Söhn Albuquerque em “Entre o público, o político e o racial: a construção do Mercado Público em Desterro no século XIX” analisa o mercado público da cidade de Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, enquanto um lugar de conflitos políticos regionais e raciais, relacionados também com o governo imperial. Para isso, utiliza relatórios de presidentes de província, principalmente do presidente Antero de Brito que governou a província de 1840 a 1848 e documentos sobre a construção do local.

No estudo de Dandara de Oliveira ““Mudaram os penteados, mas a cabeça continua a mesma”: A manutenção dos ideais autoritários na obra *Aleluia, Gretchen* (1976)”, ao utilizar o cinema enquanto fonte histórica, aborda questões como: autoritarismo, ditadura militar e opressão. Por meio de sua pesquisa sobre o filme “*Aleluia, Gretchen*” (1976) do diretor catarinense Ylvio Back, autora ressalta a importância da utilização do cinema enquanto fonte histórica e destaca possibilidades de compreensão sobre a permanência de ideais autoritários na sociedade brasileira.

Outro estudo a utilizar o cinema enquanto fonte histórica é o artigo de Nayara Régis Franz: “O cinema ideal em Itajaí”. Além de problematizar o início do cinema na cidade Itajaí e o relacionar com aspectos sociais desta cidade, a autora aponta a carência de bibliografia sobre o início do cinema em Santa Catarina. Além da inegável contribuição de seu estudo, também esperamos que a leitura de seu texto engendrar e estimular novas questões sobre determinado momento da história de Santa Catarina associado ao cinema.

Stephanie Sander, em seu estudo “A Avenida Beira-Rio como produto da expansão urbana em Blumenau entre 1951 e 1969: uma análise através dos jornais”, historiciza o surgimento desta avenida na cidade Blumenau e, através da análise de fontes periódicas, ressalta o discurso de modernização atribuído à sua construção e o relaciona com outras questões como o contexto de expansão da indústria e urbanização da cidade.

Em “Construção da identidade catarinense: a tentativa de legitimação da cultura açoriana e



da cultura alemã”, Suellen de Souza Lemonje reflete sobre a construção da identidade em Santa Catarina. A autora ressalta a diversidade étnica presente no Estado e problematiza questões ligadas à memória, imaginário e imigração a fim de debater sobre a construção da identidade em Santa Catarina.

Estimulando ainda mais o debate sobre a imigração em Santa Catarina, Rafael Seiz Paim analisa as representações sobre os imigrantes japoneses nos periódicos catarinenses entre 1964 a 1979. Em seu estudo “Os imigrantes japoneses no discurso dos periódicos catarinenses – Modernização, evolução”, o autor discute mudanças dos discursos presentes em periódicos com relação a este grupo e ressalta a questão do poder político associado a este debate.

No estudo “Imigração alemã: notas sobre as relações entre os religiosos e os colonos a partir de meados do século XIX em Santa Catarina” Rafael do Nascimento incorpora a questão da religiosidade e espiritualidade como um eixo também contemplado neste volume da revista, portanto, enriquecendo a pluralidade de enfoques sobre a história de Santa Catarina. O autor analisa o grupo de religiosos que participaram na formação social das colônias do Estado e questiona as relações entre os colonos alemães e os religiosos.

A diversidade de abordagens e temas é um convite a novos olhares para a pesquisa histórica sobre Santa Catarina. A todas/os uma boa leitura.

A editora e o editor.

